

O Papa Queixa-se de um Mundo sem Fé e sem Ideal

Castelgandolfo (Ansa) — Ao do homem de Deus, o Papa sem fé e sem idéias, onde o sentido religioso está debilitado e apagado". O pronunciamento, feito de sua residência de verão, perante centenas de fiéis, foi considerado dos mais violentos dentro do tema da importância das orações, com a afirmação do Sumo Pontífice de que vive o mundo uma nova época que parece caracterizar-se "sem religião, sem fé, sem Deus, como se a Humanidade se tivesse libertado de uma condição supérflua e opressiva".

O Jubileu de Mons. Armando Lacerda

Um acontecimento na Arquidiocese, as solenidades comemorativas do Jubileu de Ouro do Revmo. Mons Dr. Armando Lacerda. Sessenta padres tomaram parte na concelebração da Missa de Ação de Graças, no Seminário São José. Presentes às festividades o Cardeal Câmara, o Exmo. Senhor Nuncio Apostólico, um arcebispo e quatro bispos, além dos sacerdotes, religiosas, seminaristas e convidados.

O Côro do Seminário deu a nota festiva à cerimônia litúrgica. A estação do Evangelho Sua Excia. Revma. D. Hugo Bressane, arcebispo de Marília, falou sobre o Sacerdócio e o Sacerdote, exaltando as virtudes peregrinas do jubileu.

ALMOÇO DE 400 TALHERES

Ao meio dia, no refeitório do Seminário, realizou-se um almoço de 400 talheres. Seis oradores, além do Exmo. Sr. Nuncio Apostólico e o homenageado usaram da palavra.

O primeiro orador foi o Mons. Narbal Stencel, Reitor do Seminário; os outros: — Sr. Francisco Campos, Ministro da Venerável Ordem da Imaculada Conceição; Dr. Nilo Lacerda Soares, em nome da família do Mons. Lacerda; Dr. Amauri de Lacerda; Cônego Alfredo Soares; e o Exmo. Sr. Nuncio Apostólico, que fez um bonito discurso.

Mons. Armando Lacerda foi

muíto feliz no seu agradecimento, conseguindo emocionar os presentes. Começou falando da era espacial, cujo primeiro objetivo já foi atingido pelo homem: a chegada na lua. Comparou depois o seu ministério eclesiástico com o satélite da Terra. Era ele como a Lua cheia de defeitos, mas o sacerdócio de que se revestia era resplandecente.

Disse depois que, comemorando o jubileu, só esperava agora, o seu encontro com os seus pais no céu.

Após o banquete, Mons. Armando Lacerda procedeu a bênção da Kombi, que levou ao Seminário para o transporte dos seminaristas à Universidade Católica.

A HOMENAGEM DE SANTA TERESA

Terça-feira, Missa oficiada por 3 bispos e sete sacerdotes. Foi ainda D. Hugo Bressane, quem falou ao Evangelho.

Após o santo sacrifício, Te-Deum, cantado por todos os sacerdotes.

Na residência do Capelão o bolo de aniversário com os "parabéns para você" em versos compostos pelas Carmelitas.

No palacete do ilustre Sr. Santos Bahdur, um dos patrocinadores da festa, lauto banquete.

Falou o anfitrião, agradecendo a seguir o Mons. Lacerda, que comparou o dono da casa com Zaqueu. Ali estavam três bispos, ele e outros sacerdotes em nome de Jesus. Outra coisa não desejava ao Sr. Bahdur senão a felicidade de Zaqueu, que terminou bispo e Santo.

4.ª feira. Missa no Convento da Ajuda de que é Mons. Armando Lacerda, zeloso Procurador.

Falou ao Evangelho, D. Delim Ribeiro Guedes, bispo de São João del Rei, que se revelou magnífico orador.

No locutório, as freiras ofereceram o bolo de aniversário, entoando hinos por elas compostos especialmente para a festa.

Mons. Lacerda, comovido, agradeceu a todos os presentes, distribuindo a cada um lembranças do acontecimento que lhe era tão caro.

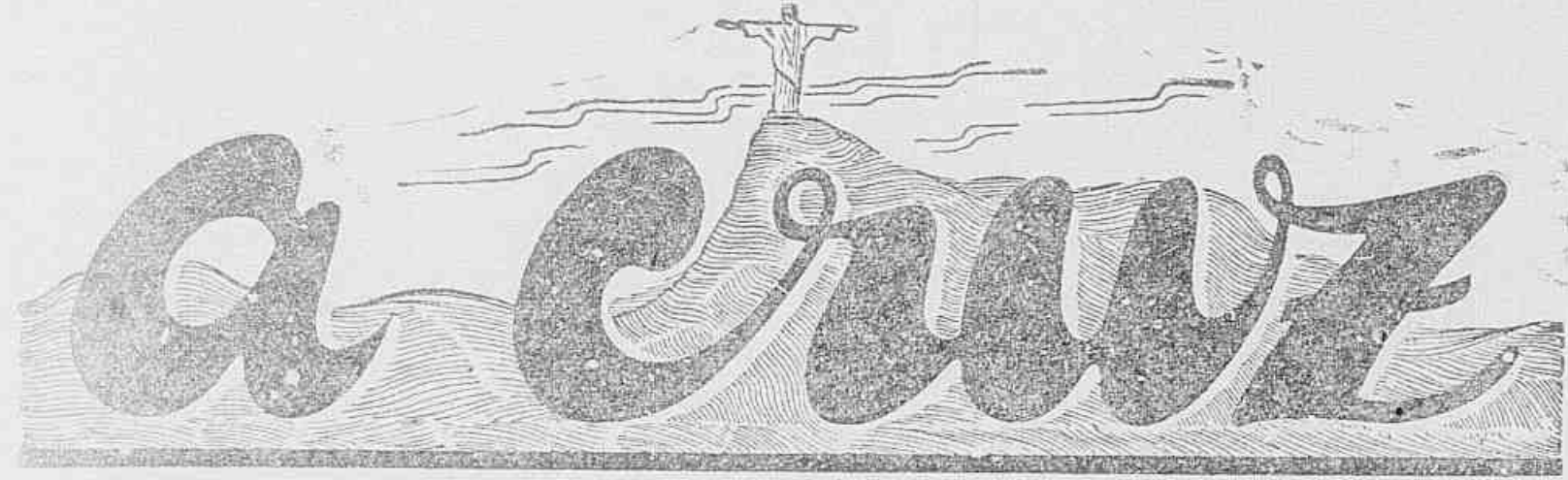
A todas as solenidades compareceram: o Arcebispo de Marília, os bispos de São João del Rei e D. Francisco Bojado Amaral, bispo de Taubaté, e ex-alunos do jubileu de São Paulo e Rio Grande do Sul.

GRAVE SITUAÇÃO

Suas palavras deploraram também a "corrente atual que tende a colocar o homem em uma dimensão cada vez mais materialista", denunciando uma grave situação, "praticamente cismática" no interior da hierarquia eclesiástica.

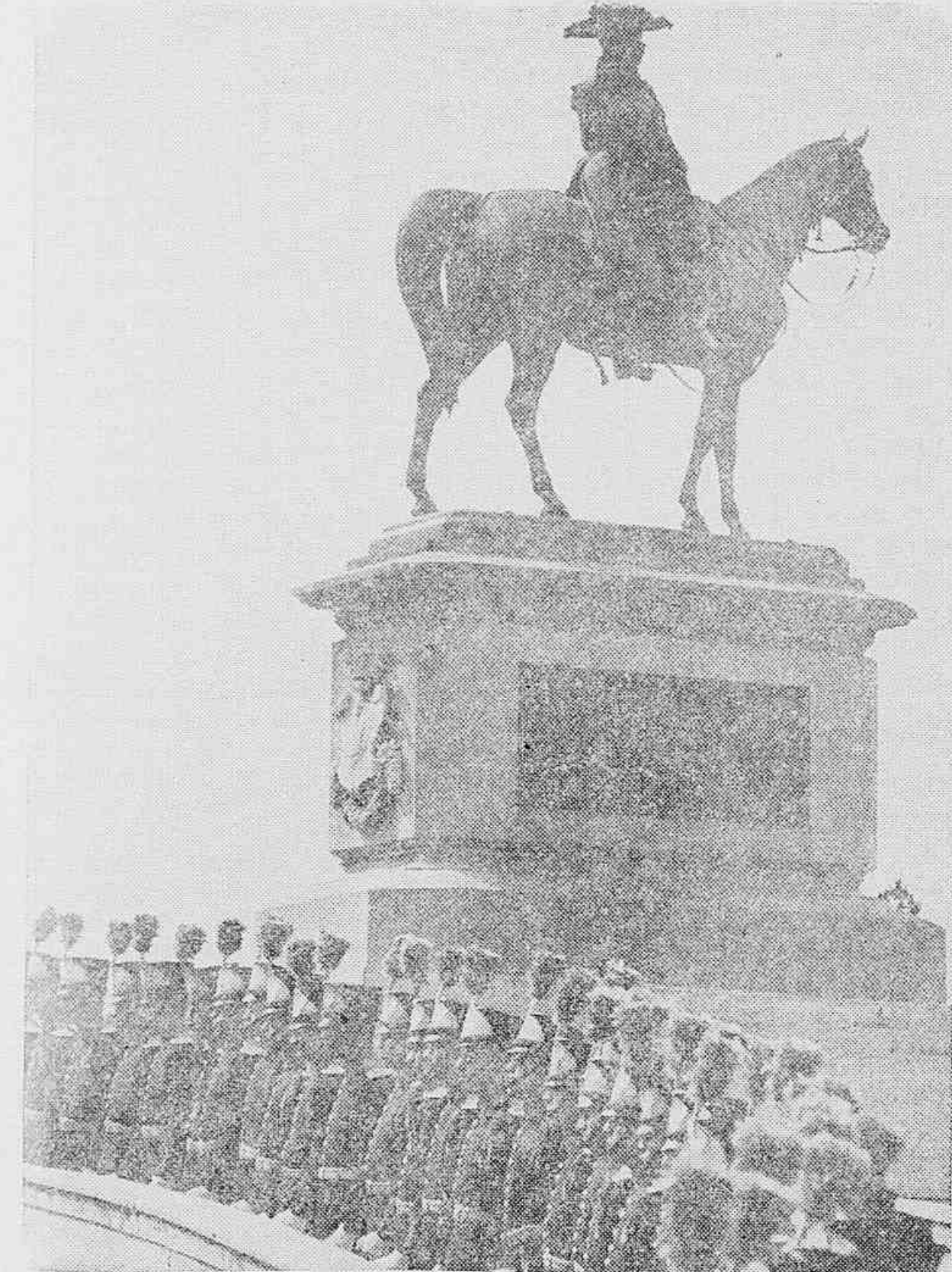
Lamentou que "o sentido religioso esteja debilitado e apagado", em vantagem de novos ideais terrenos que nada têm a ver com Deus e com a vida espiritual, que o homem moderno deveria tratar de desenvolver para seu próprio bem.

O Papa chegou a apontar estes males como sendo a demonização, o ateísmo, o materialismo e a contestação, males que — frisou — "chegam de todas as partes. Vencer esta condição do mundo é uma operação longa e difícil, pois sua origem está na troca da psicologia do homem nestas últimas décadas e a profunda transformação da sociedade. Para que volte a despertar o sentimento religioso no espírito do homem, é necessário uma ação imediata, paciente e constante", finalizou.



ANO — XLIX	Rio de Janeiro, 31 de Agosto de 1969	N.º 2.586
Fundador: Dom André Arcoverde	Preço do exemplar NCr\$ 0,20	Administração e Oficinas: RUA REAL GRANDEZA, 248 — Botafogo TELEFONE: 26.6339
Director-Responsável: Antônio Guedes de Holanda	Redactor-chefe: José Schiavo	

Mobilização Geral para o Dia da Independência



Com um programa de solenidades cívico-militares sem precedentes, iniciadas no dia de Caxias. Patrono do Exército, será comemorado este ano, o Dia da Pátria. A Igreja, as Forças Armadas, todas as classes sociais, foram convocadas a tomar parte nas comemorações. Diz-se que há um interesse em fazer a presente geração compreender o seu papel perante a História.

Já domingo passado, publicamos a "flash" com tópicos dos pronunciamentos do Ministro do Exército na Associação Brasileira de Imprensa. Naquela mesma dia, o Gen. Antônio Carlos da Silva Murici, Che-

fe do Est. Maior, ao agradecer a saudação da Marinha e da Aeronáutica, disse: que as Forças Armadas, unidas em defesa do povo brasileiro, repudiavam sem incorrerem nos pecados do militarismo, as novas formas de escravização a que nos quer submeter minoria fanatizada e iludida. Na hora mesma em que tantos subjugados lutam por sua libertação da tirania comunista. Dezenas de personalidades, civis e militares, foram condecoradas ao ensejo da data, em cerimônia na Praça Duque de Caxias.

Na fotografia acima, cadetes da AMAN em guarda de honra ao Patrono do Exército.

De Luto a Congregação das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia

Faleceu às 16 horas do dia 20 de agosto, no Colégio Nossa Senhora da Misericórdia, a sua Diretora Sor. Maria Martha Ward. Com ela, perde a Congregação das Filhas de N. S. da Misericórdia, um dos seus mais valiosos e conhecidos membros.

Argentina de nascimento, a Superiora Martha (como foi sempre carinhosamente chamada), chegou ao Brasil em 1932 e, desde então, dedicou o melhor de suas forças e capacidades ao bem e formação da juventude brasileira. Superiora inúmeras vezes e Diretora durante todos estes anos, promoveu, com seu dinamismo e ardente zelo, o progresso de seu modelo educandário que abriga cerca de mil alunos. Dotada de grandes sentimentos, seu maior consolo era trabalhar pelos pobres, cujo "Natal" lhe era uma das campanhas preferidas. Testemunhas de sua maternal solicitude são as incontáveis ex-alunas que, desfilando em torno de seus despojos, relembram, por certo, a figura de seu caráter e as docuras de seus desvelos. Passou a vida semeando o bem e, hoje colhe certamente os louros de seus sacrifícios.

A Congregação de N. S. da Misericórdia, agradecendo as homenagens que lhe são justamente prestadas, pede à querida Superiora Martha que, da eternidade, abençoe e continue a velar pelas obras que foram por tantos anos o motivo de seu zelo apostólico!

A Congregação das Filhas de N. S. Misericórdia, Rua Barão de Mesquita, agradece sensibilizada as manifestações de carinho e solidariedade pelo falecimento da querida Superiora Maria Martha Ward.



Com trabalhos que vão desde um tubo de ensaio de uma reação química até estudos sobre o lançamento da Apollo-11, feitos pelas alunas do Ginásio e Curso Normal, inaugurou-se quarta-feira, a II Feira de Ciências do Instituto de Educação.

O ato contou com a presença do Secretário da Educação e do Prof. Jorge Boaventura, representante do Ministro da Educação.

Os trabalhos da exposição figuraram também na Feira de Ciências e Tecnologia promovida pelo Governo do Estado, no Pavilhão de São Cristóvão.

Na foto, as quatro divulgadoras da Feira.

A Voz do Pastor

Como já deve ser de seu conhecimento, as comemorações do Dia da Pátria, 7 de setembro, serão preparadas por uma semana de intenso movimento cívico.

A festa do Brasil inteiro, sem distinção de classes, de posses, de partidos, nem qualquer outra: deverá ser a exaltação da alma brasileira, afinada e estreitamente unida a todos quantos residem neste País, ou a ele se acham ligados por laços de amizade, de trabalho de artes e ofícios.

Quando o pranteado Dr. Afonso Pena apresentou sua plataforma como candidato à presidência da República, resumiu-a assim: «Deus, Pátria, Família, Liberdade». Ainda hoje devem conservar-se em sua elevada altura esses valores divinos e humanos, cívicos e morais.

É justo, pois, que os católicos deste Brasil, não menos os demais habitantes deste país-continente que se desdobra à luz da Constelação do Cruzeiro do Sul, compartilhem de co-oração digna e ativamente nas festividades da Semana da Pátria. Sim, dessa Pátria que surgiu oficialmente para o convívio das Nações mediante a celebração de uma Santa Missa-caso único, ao que eu saiba, na história dos povos antigos e modernos.

Se lhe falo assim, meu caro leitor, é porque o suponho crente na Providência Divina que dirige os destinos do mundo, inclusive o descobrimento deste País em circunstâncias tão excepcionais.

A própria independência do Brasil acha-se envolvida em adjuntos históricos dificilmente realizáveis: um rei estrangeiro, que prevendo a separação deste povo para com a Metrópole, aconselha o filho a cingir a coroa em seu lugar. Quem lança ao país o grito de «Independência ou Morte!» é português de nascimento, guindado ao poder imperial pelo entusiasmo popular.

Decorre, pois, desse conjunto de maravilhas a obrigação que temos perante Deus e a Pátria, a de nos sentirmos sempre mais unidos, sob a dupla égide, tanto divina, quanto

Se as demais classes sociais vão manifestar seu regozijo na Semana da Pátria, a Igreja que nos forneceu os corajosos missionários, os educadores dos índios e os formadores da Nação, essa Igreja que de deveria ficar silenciosa, indiferente e alheia a tão patrióticos acontecimentos?

Se é nobre amar a Pátria, amemo-la. Se é justo trabalhar por seu engrandecimento, trabalhemos todos.

Se é sublime sacrificarmos-nos por ela, saibamos sacrificar-nos.

Se é digno alegrar-nos com os festejos da Semana da Pátria, demonstremos essa estufante alegria por todos modos corretos a nosso alcance.

Se as sereias e buzinas apitarem, repiquem os sinos nas torres de nossos templos e cantem os seus cânticos!

Se o Brasil sempre vicejou à sombra da Cruz, celebremos por ele a renovação do Sacrifício da Cruz nas igrejas e capelas ou ao ar livre sob a cúpula celeste deste grandioso templo que Deus nos concedeu: a terra de Santa Cruz.

Tolere-me o bondoso leitor este final, primeira estrofe de um saudosismo germânico, o P. Henrique Clader, meu professor de História, o qual, tendo lecionado no Rio Grande do Sul, se viu obrigado a cursar a teologia na Holanda. De lá nos enviou uma poesia que principiava,

assim, com vistas ao Brasil: «Ó país da Cruz bendita! Doces terras de além-mar. Dias, sim, de sol formoso, Noites, oh! de almo luar. Ó rechãs e virgens selvas De vasta e imensa extensão, Onde livre corre a mente E livre bate o coração!

Dialogando Francamente

APÊLO DO PAPA À VIDA DE ORAÇÃO

Muita gente quer reduzir a Religião à Liturgia e Sociologia. E, num sentido de predominância da ação exterior, procuram exterminar da vida católica todas as devoções particulares e virtudes que chamam individualistas. Depois do Concílio, só valeria o culto comunitário junto com as virtudes sociais... Corrigindo essa desorientação perigosa, Paulo VI, na Audiência Geral do dia 13 último, não só ressaltou a importância da piedade e oração pessoal, como ainda lhe atribuiu a função imprescindível de alma da própria Liturgia — doutrina aliás tão antiga como o Cristianismo. Assim falou o Santo Padre:

«Diletos Filhos e Filhas — Na nossa breve exortação de domingo passado, por ocasião da reza do «Angelus», recordávamos aos nossos visitantes a oportunidade de reservar, durante o período das férias de verão, alguns momentos à vida do espírito, ao silêncio, à reflexão, à oração. Este mesmo assunto queremos retomar convosco, filhos caríssimos, neste encontro rápido, mas de certo importante, sob um aspecto mais geral, isto é, o da necessidade de voltarmos à oração pessoal.

«Por que voltar? Porque nós sustentamos a opinião, que desejaríamos ver desmentida pelos fatos (como, felizmente vemos em muitos casos) de que hoje também os bons, também os fiéis, também aqueles que são consagrados ao Senhor, rezam menos do que antes. Dizendo isto, notamos a obrigação de aduzir-lhe as provas e dizer o porquê. Mas não nos desincumbiremos agora desta obrigação: exigiria um discurso muito longo. Convidamos antes cada um de vós a fazer por si esta indagação: reza-se hoje? O homem moderno sabe rezar? Sente a obrigação disto? Sente sua necessidade? Mesmo o cristão tem facilidade, tem gosto, tem empenho para a oração? Tem sempre afeição às formas de oração que a piedade da Igreja, embora não as declarando oficiais, isto é propriamente litúrgicas, nos tem ensinado e recomendado tanto, como o Rosário, a Via Sacra etc. e especialmente a meditação, a adoração eucarística, o exame de consciência, a leitura espiritual?

«Ninguém querará atribuir à liturgia essa diminuição da oração pessoal e, sobretudo da vida espiritual, da religiosidade interior, da «piedade», entendida como devoção, como expressão do dom do Espírito Santo, pelo qual nos dirigimos a Deus na intimidade do coração com o nome familiar e incomensurável de Pai; à liturgia, quer dizer, à celebração comunitária e eclesial da Palavra de Deus e dos mistérios da Redenção (cfr. Sac. Conc. n.º 2); a essa liturgia que — por obra de um intenso e longo movimento religioso, coroado e até canonizado pelo recente Concílio — ganhou incremento, dignidade, acesso e participação na consciência e na vida espiritual do Povo de Deus e que Nós desejamos lhe consiga mais num futuro próximo. A liturgia goza de um certo primado, uma certa plenitude e uma certa eficácia por si mesma, que devemos todos reconhecer e promover. Porém a liturgia, por sua natureza, pública e oficial na Igreja, não substitui e não empobrece a religião pessoal. A liturgia não é só rito; é mistério, e como tal exige a adesão consciente e fervorosa de quantos dela participam. Supõe a fé, esperança, caridade e tantas outras virtudes, atos e condições, como a humildade, o arrependimento, o perdão das ofensas, a intenção, a atenção, a expressão interior e vocal, que dispõem o fiel a se imergir na Realidade divina, tornada presente e operante pela celebração litúrgica. A religião pessoal, enquanto é possível a cada um, constitui condição indispensável à autêntica e consciente participação litúrgica. Não só: ela é o fruto, a consequência de tal participação, que visa precisamente santificar as almas e corroborar nelas o senso da união com Deus, com Cristo, com os irmãos da humanidade inteira.

«A diminuição — se alguma existe — da religiosidade pessoal deve ser procurada numa direção bem diferente. Experimentai perguntar-vos agora: por que hoje a vida interior, ou seja, a vida de oração, é menos intensa e menos fácil nos homens de nosso tempo, isto

IMPORTANTE PROCLAMAÇÃO

«Tereis que vos acostumar, desde cedo, a viverdes com o orçamento exiguo mas com o moral levantado, a vigilância indormida e o entusiasmo vibrante. Ao escolherdes o oficialato como vossa profissão, optastes desde logo entre o idealismo e a prosperidade econômica». Essas foram, entre outras, as palavras da proclamação dirigida pelo General Carlos de Meira Matos aos seus comandados da Academia Militar. Palavras da maior oportunidade por virem num momento em que pessoas de pouca vivência pensam que certos problemas da administração pública podem ser resolvidos através de fórmulas supostas geniais e não na base dos exemplos e da educação moral como preconiza o ilustre General Meira Matos: O serviço público tanto civil como o

militar tem que se alicerçar nas idéias defendidas pelo Comandante da Academia Militar.

EQUIVOCO RUINOSO

Estabelece o artigo 2º do Decreto-lei nº 2.627 de 26 de setembro de 1940: Pode ser objeto de sociedade anônima ou companhia qualquer empresa de fim lucrativo, não contrária a lei, a ordem pública e aos bons costumes». Equívoco dos mais ruins fez com que na base dessa lei diversas repartições e serviços públicos federais e estaduais fossem transformados em companhias ou sociedades anônimas. Serviços públicos tem fins sociais e não lucrativos. A lei citada foi feita para regular a vida das empresas feitas à custa de recurso penosamente amealhadas por particulares que irão à falência em caso de má administração e

terão até penhorados os seus bens. Entregar a administração de enormes acervos da coletividade a algumas pessoas que podem até serem bem intencionadas, porém, que não tem tino administrativo nem vivência comercial e que nada sofrem como consequência de seus desacertos isso, constitui para a coletividade uma providência suicida.

O POSTE QUE UIVA

E uiva dia e noite sem parar um só momento. Lá está na rua General Dionísio esquina da Visconde de Caravelas um poste que serve de respiradouro de uma caixa subterrânea que contém transformadores da Light.

O barulho enervante que perturba a tranquilidade dos moradores das habitações vizinhas parece produzido pelo movimento dos ventiladores necessários à refrigeração dos maquinismos contidos na caixa subterrânea: Senhores da Light, mandem verificar o caso e providenciar!

REALIZEMOS A AÇÃO POPULAR

Um dos meios mais eficientes que está ao alcance do cidadão numa democracia para defender o interesse público e o particular é o mecanismo da Ação Popular previsto na Constituição Federal. Na prática, porém, torna-se difícil para o cidadão comum utilizar de tal dispositivo constitucional no momento em que dele precisa. Por que não fundamos no Brasil uma sociedade civil dotada de advogados especializados para pôr em prática o mecanismo da Ação Popular?

APÊLO AO GOVERNADOR DO ESTADO

Dr. Negrão de Lima não deixa que se consuma a destruição do tradicional e centenário Departamento de Obras do Estado da Guanabara, herdeiro da antiga Diretoria de Obras e Viação onde durante longos anos varia gerações de engenheiros e operários se desenvolveram no trato das ruas de nossa cidade. O processo de esvaziamento desse Departamento já se sente nas calçadas da cidade repletas de buracos e caixas sem tampa a darem calamitosos tombos nos transeuntes. E não só das ruas cuidava o Departamento de Obras. Possuía uma rede completa de Distritos e Serviços, providos de carpintarias, ferrarias, garagens, pedreiras e outras organizações úteis a todos os serviços do Estado. Possuía uma Oficina Geral de Eletricidade que até os elevadores da antiga Prefeitura mantinha. E a Usina de Asfalto que hoje se apresenta pujante e eficiente não foi toda obra dos engenheiros e operários do Departamento de Obras. E o Serviço de Próprios Municipais já extinto? Como se vai hoje colocar uma cerca ou um muro num terreno do Estado ameaçado de invasão? Não Sr. Governador mande saber o que se está passando: Tradição não se destrói nem se improvisa.

é em nós mesmos? Pergunta que exigiria resposta extremamente complexa e difícil, mas que podemos por ora sintetizar assim: nós somos educados para a vida exterior, que conquistou um progresso e uma fascinação maravilhosa, e não tanto para a vida interior, cujas leis e satisfações conhecemos pouco. Nosso pensamento se expande principalmente no reino sensível (fala-se da «cidade da imagem»: rádio, televisão, fotografia, símbolos e esquemas mentais etc.), e no reino social, a saber: na conversação e no relacionamento com os outros. Somos extrovertidos. Até a teologia cede muitas vezes lugar à sociologia. A própria consciência moral é sobrepajada pela psicológica e reclama uma liberdade que, abandonando-a a si mesma, fá-la buscar fora de si, freqüentemente no mimetismo da moda, sua própria orientação. E onde está Deus? Onde Cristo? Onde a vida religiosa, da qual ainda agora e sempre sentimos uma necessidade obscura mas insatisfeita?

Vós sabeis como este estado das coisas constitua o drama espiritual, e podemos dizer humano e civil do nosso tempo. Contudo, no que respeita a nós, filhos da Igreja, nos basta recordar, com um belo pensamento de S. Agostinho («estavas dentro e eu fora»), que o lugar de encontro essencial com o mistério religioso, com Deus, está dentro de nós, está na cela interior de nosso espírito, está naquela atividade pessoal que chamamos oração. E nesta atitude de busca, de auscultação, de suplicação, de docilidade, que a ação de Deus nos vem de encontro normalmente, nos dá luz, nos dá o sentido das coisas reais e invisíveis do seu reino, e nos torna bons, fortes, fiéis e como Ele nos quer».

E termina o Papa conclamando a todos, religiosos, jovens, cristãos e homens do mundo: «orate fratres!» Rezai, irmãos «ao Deus inefável, a esse Outro misterioso, que nos observa, nos espera e nos ama. E certamente não sereis desiludidos nem abandonados, mas provareis a alegria nova de uma resposta inebriante: Ecce adsum, eis que estou aqui! (Us. 58,9). Com a Nossa bênção apostólica; orai, irmãos!» (L'Osservatore Romano, supl. 14-8-69).

Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux, S.J.

NB. — Por um recorte de «O LUTADOR» de 17-8-69, vi que ele desperdiçou novo Editorial sobre «Uma questão de juridicismo» — termo com que hoje os insubordinados desprezam toda lei eclesiástica incômoda. Refere-se ao «DIALOGANDO FRANCAMENTE» de 8-12-68 e 22-6-69. — Respondo que não sou eu que tresleio com má fé. Escrevera no 1.º e resumira no 2.º: «o padre falara em termos universais sobre a supressão do traje eclesiástico»... «apresente-nos então algum texto que valha para a Igreja universal». E agora o lutador me vem triunfante apresentando um documento regional do Setor Sul I da CNBB, a que pertence São Paulo. Devo pois este pagamento da dívida, que para o caso e moeda falsa... Na questão do Motu Proprio ECCLESIAE SANCTAE que eu citara, o Lutador foge do «óbvio ululante», porque na consulta se tratava exatamente da estranheza dos fiéis, que existe no Brasil, e por isso tinha eu nomeado as proibições das dioceses de Campos e Bragança, e poderia acrescentar muitas outras, como a da própria Guanabara, onde oficialmente só é lícito o «clergymam», além da batina... Quem é que tresleu?

A Cruz

Diretor Responsável: Antônio Guedes de Holanda

Redator-chefe: José Schlavo

Colaboradores:

Cardenal-Arcebispo Dom Jayme de Barros Câmara - Mons Luiz Gonzaga Lyra - Pe. Luiz Gonzaga da Silveira D'Elboux, SJ - Pe. Heliodoro Pires - Mons. Turibio Villanueva - Con. Valentin Marques - Prof. Alfredo Balthazar da Silveira - Des. Cristovam Breiner - Deput. Plínio Salgado - Sylvio Malheiros - Joaquim de Mello Policarpo - Ricardo Viveiros de Castro - Abel Doederlein e outros.

Redação, Administração e Oficinas:

Rua Real Grandeza, 248
Tel.: 26-0339 - ZC-02
Rio de Janeiro - GB
Botafogo

Assinatura: Anual: NCR\$ 20,00

CONFECÇÕES VOUGA LTDA.

«NÃO DÊ LUCRO PRA DOIS»

Tudo que o homem usa VOUGA tem Calças — Camisas — Calçados, Etc. Grandes novidades em cama e mesa e com os mais afamados lençóis e fronhas SANTISTA aberto diariamente até às 22 horas

RUA DA PASSAGEM, 25 — TELEFONE: 26-1831

Compre na casa VOUGA

Um Pouco de Tudo

Seção fundada por Dr. Arthur Costa

Escreve Antônio Guedes de Holanda

Napoleão Bonaparte, o todo poderoso, o Júpiter Scapin, como lhe apelidava irônico adversário, não podia admitir que uma nação de 3.ª ordem sem condição militar, furasse o bloqueio continental, que havia decretado, no seu propósito de liquidar a Inglaterra. E de portas fechadas, no amplo salão nobre do Palácio de Fontainebleau com o Embaixador da Espanha assinou um acordo secreto.

Estava selada a sorte de Portugal. De lápis, em punho, o Ditador francês retalhou-lhe o mapa em três porções: — Lusitânia setentrional, que destina à bem amada Maria Luísa de Bourbon e Parma; Principado dos Algarves, que cederá a Godoy, o famoso espanhol, cognominado Príncipe da Paz; Lusitânia meridional, que reserva modestamente para si.

Decisão tomada, execução imediata.

Hostilidades, ruptura de relações diplomáticas; Talleyrand entrega ao embaixador Lourenço de Lima os seus passaportes. A notícia repercutiu como uma bomba em Lisboa. O Príncipe D. João, que seria o futuro D. João VI, tem um estalo: Mandar o elegante Marquês de Marialva com uma mala de presentes, rasgar protestos de amizade e oferecer a mão de Príncipe D. Pedro para uma filha de Luciano ou de um general qualquer.

Era tarde, já o general Junot transpunha a fronteira.

D. João só teve tempo de arrumar as malas para uma fuga desesperada, com os seus ministros.

D. João veio para o Brasil de trem, fugindo de um inimigo invisível, teve que voltar correndo, anos depois, para salvar a cabeça de um amigo varaz. A Inglaterra ocupava Portugal. O seu príncipe, o Marquês de Beresford era uma espécie de Cambiagem das Carélias, um Fidel Castro esquecido, eliminando a elite das tropas portuguesas.

Com o regresso de D. João VI não mais se justificava a ocupação de Portugal.

Os ingleses perderam a mamata, mas, se prepararam para ir à luta. No ano seguinte, anunciava-se a independência do Brasil. Eis a grande oportunidade de uma boa chantagem.

Canning confia a missão ao hábil Lord Charles Stuart. Depois de uma visita de intimidação a D. João VI, vem ele para o Brasil, aplicar o golpe; impor as condições para que a Inglaterra reconhecesse a nossa independência. Frio e calculista, expôs a D. Pedro, numa reunião do ministério as suas exigências, seguidas de ameaças. Se o Brasil não aceitasse aquelas, estas se concretizariam. A Inglaterra ficaria com Portugal, bombardeando as nossas costas e nos fazendo terríveis pressões econômicas.

Das exigências constavam o reconhecimento por parte do Brasil de uma dívida à Inglaterra de dois milhões de libras esterlinas (dinheiro que nunca lhe pediu emprestado) e concessões de exploração de nossa navegação marítima, terrestre e fluvial e mais a exploração do sub-solo.

Foi assim que deixamos de ser uma colônia de direito de Portugal, para nos tornarmos uma colônia de fato da Inglaterra. Fomos depois colônia de banqueiros e o Sr. Oswaldo

teressados de outra, porque tudo aquilo que recebe como favor resulta em detrimento de sua independência.

A geração presente impõe-se tarefa mais gigantesca, do que aquela que teve de enfrentar a geração do século passado.

Duas Grandes Esperanças e Três Perguntas Incômodas

Plínio Corrêa de Oliveira

"Hoje em dia, é otimista quem admite que, dentro de alguns anos, ficaremos reduzidos a comer pedregulhos.

O pessimista, de seu lado, julga que os pedregulhos não bastarão para todos". Ao ler, uma revista francesa, este melancólico gracejo atribuído a Frank Fernandel, pensei no que li de alentador em outra revista — "A Saúde do Mundo" — publicada pela Organização Mundial da Saúde.

Ao Prof. E.J. Bigwood sobram as credenciais. É ele Diretor do Centro de Pesquisas sobre Legislação Alimentar do Instituto de Estudos Europeus e Professor Emérito de Bioquímica e Nutrição da Universidade de Bruxelas. Com a autoridade de seus títulos e sobretudo de seu saber, fez ele, àquela revista, declarações esperançosas sobre o futuro do mundo sob a epígrafe "Alimento para o ano 2000". É oportuno que elas saiam do âmbito dos especialistas para o grande público.

Depois de lembrar que a produção de proteína animal tem de triplicar até o fim do século, a fim de corresponder às necessidades de consumo vertiginosamente crescentes da humanidade, Bigwood cuida dos novos meios para atender a essa prodigiosa demanda.

Passa ele rapidamente — e com certo ceticismo — sobre a possibilidade prática de exploração industrial do planeto do mar, e aponta a solução em um campo inesperado para os leigos o aproveitamento da proteína de microorganismos que são subprodutos da refinação do petróleo. Menciona Bigwood, a tal respeito, os estudos feitos por Champagnat, na França, os quais conduzem à certeza de que, se for possível instalar fábricas para a produção de tais proteínas, "teremos, antes do fim do século, atendido o aumento da demanda de proteína comestível de alto valor biológico, equivalente ao dobro, talvez até mesmo ao triplo das 20 milhões de toneladas de proteína animal que constituem a produção mundial de hoje". Acrescenta Bigwood que "duas empresas industriais muito poderosas estão colaborando no desenvolvimento de um processo e chegaram à fase em que já estão em condições de experimentar em animais um produto padronizado". Como se entrevê, o aproveitamento desse fabuloso manancial de riquezas ainda depende de problemas industriais não pequenos, de ordem só técnica como — segundo presumimos — também financeira. Mas, para os resolver, importantes realizações já estão em curso.

Em outro artigo da mesma revista se entra mais a fundo do que o Prof. Bigwood na análise das riquezas que o mar pode proporcionar para a solução do problema da fome. E nos apresenta, a tal respeito, perspectivas maravilhosas. Lembra os dois autores desse artigo que "os produtos do mar já são utilizados nas indústrias dos alimentos e dos tecidos, na medicina, na agricultura, no cultivo da uva, na criação de gado e na construção civil". No entanto, os mares só contribuem com 1% da produção mundial de alimentos. Com exceção de poucos países como a França e o Japão, ninguém cultiva mariscos, crustáceos e algas. Entretanto, sempre segundo os autores, tal cultivo é muito viável: "Oitenta por cento da energia do sol que atinge a terra — dizem eles — é absorvida pelas algas e apenas 20 por cento pelas plantas terrestres. Essa parte da energia solar que é atualmente absorvida pela vegetação natural das águas costeiras poderia, se aplicada às plantas marinhas que podem ser transformadas em alimento humano ou animal, produzir uma safra suficiente para alimentar 53 bilhões de pessoas. Se as reservas totais dos oceanos pudessem ser utilizadas dessa maneira, seria possível produzir quatro a cinco vezes mais, ou alimento suficiente para 290 bilhões de pessoas".

Não é necessário ir mais longe. Limite-me a acrescentar que, segundo um cientista citado pelos autores, "a capacidade produtiva do mar é mais de mil vezes a da terra arável".

Quem são esses autores, cujo nome intencionalmente só agora menciono? V. Bogorov, membro correspondente da Academia de Ciências da Rússia, e V. Stepanov, doutor em Ciências Geográficas.

Não disponho de elementos para calcular que gastos serão necessários para que o homem se possa beneficiar desses imensos recursos que a Providência põe a seu alcance. Nem quanto tempo será para que, feitos esses gastos, o problema da fome esteja por fim resolvido. Presumivelmente, à medida que se forem aplican-

Os Papas em Avinhão

Avignon, ou Avinhão, é uma cidade francesa, próxima do famoso Rio Rodano, que nasce no Suíça, banha Genebra e Leão e vai desguar no Mediterrâneo; durante algumas dezenas de anos, serviu de residência a alguns Papas. O Papa Clemente V (1305 à 1314), foi seguramente, o primeiro Soberano Pontífice que residiu na aludida cidade francesa, tendo sido coroado na Igreja de Saint-Juste na presença de alguns monarcas, entre os quais se apontavam Felipe o belo, Jacques de Aragão e muitos nobres: «um pastor sanz a loges» (inferno XIX, 831, como disse Dante. Foi no seu pontificado que se instaurou o processo dos «Templários»; e, na conhecida tragédia — «Os Templários de Raynouard» — é recordado o suplício infligido a Jacques Molay — seu grão-mestre e a outro dignitário: queimados vivos na praça, onde, mais tarde, se ergueria a estátua de Henrique IV.

Nasceu uma lenda: o referido grão-mestre Jacques Molay, antes de morrer, emprazou Felipe, o belo, e o Papa a comparecerem com ele à presença de Deus; e, dentro de cinco meses — prazo concedido — os dois vultos faleceram. E Juste Lipisi — erudito belga escreveu: «si a caru, mitemur, si, a Deo, vereamur» — (se foi casualidade, admiremos; se Deus o mandou, temamo-lo com respeito). Naquela período, a Barca de São Pedro foi governada por franceses; e as lamentações e lágrimas dos católicos foram preparando o retorno dos sucessores de São Pedro à cidade de Rômulo. Assim, não merecem esquecimento as palavras de Dante, de Petrarca, as fervidas orações de Santa Brígida e Santa Catarina de Sena; e, vencidas as dificuldades opostas por alguns Cardeais franceses aos planos daquelas duas santas, coube à modesta filha do tintureiro do Sena — Deus escolheu sempre os humildes para as grandes tarefas — acompanhar Gregório XI à «cidade eterna».

Terminou, portanto, em 1377, aquela fase, denominada «Cativeiro da Babilônia», durante a qual exerceu a Igreja Católica grandes amarguras provenientes das bastardas ambições dos que queriam tutelar a Igreja Católica para auferir posições eminentes, que lhes proporcionassem fartos lucros.

Imensa foi a alegria da população romana ao ver novamente o Sumo Pontífice em Roma; e desde então, o trono pontifício ficou em Roma, cercado da maior veneração popular, como o legítimo sucessor de São Pedro, digno da obediência geral.

Para obstar cavilações, publicou uma Bula, determinando que, morrendo o Papa, os Cardeais que se encontrassem em Roma poderiam convocar o conclave, sem aguardar os

zuses, fixando em dois terços o «quorum» para a eleição papalina. Grande devoto da Virgem Santíssima, ordenou que, em todo o Ocidente, se celebrasse a festa da apresentação da bem-aventurada Virgem Maria.

Não se pode desconhecer os aborrecimentos provocados pela permanência do Papado em Avinhão; porém, a Igreja Católica triunfou, de sorte que os seus antagonistas ficaram desconcertados com a vitória dos bons católicos, que não devem desanimar do auxílio divino, que, jamais, faltará.

Não me mostro desanimado com as deserções das batinas, registradas, ultimamente, pois creio em Deus.

Alfredo Balthazar da Silveira

PAULO C. ENOUT

Clínicas Médica e do Aparelho Digestivo

RUA CONDE DE BOMFIM, 377 - S/611

Tel.: 54-1667 - Tijuca - GB

LITURGIA DO DIA 14.º Domingo depois de Pentecostes

Com este domingo de hoje, antigamente chamado «Dominga Divinae e Providentiae», devido ao belo Evangelho que narra-nos a bondade paternal de Deus, encerra-se aquela «série» apontada por nós situando os dois Reinos, o de Deus e o do mundo, na vida do homem. Dois senhores disputam o domínio do homem: o espírito e a carne, Deus e o mundo. Não se pode, porém, servir a dois senhores. A Missa («Protector noster») é bem a «Missa da escolha»: «ninguém pode servir a dois senhores» — «acomodar-

se a este e desprezar aquele». — «Não podeis servir a Deus e às riquezas». — «Procurai primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas as outras coisas vos serão dadas por acréscimo».

Na Epístola — frisando a essência dos dois reinos — explica-nos S. Paulo que seguir os desejos da carne é a estrada que conduz à morte, enquanto seguir os desejos do Espírito é a estrada que nos leva à vida.

O Evangelho (Mat. 6. 24/33) é sem dúvida uma das mais encantadoras passagens da Sagrada Escritura: O cristão não deve assinar compromisso com o mundo (embora viva no mundo). I. é., não deve acender uma vela e Deus e outra ao Diabo. Cristo nos traça uma linha de conduta: profunda e total confiança na Providência Divina. Que bela a comparação do Mestre com as aves que não semeiam, não colhem nem fazem provisão... dos lírios que não trabalham nem fiam... Mas nem Salomão, com toda a sua glória, jamais se vestiu como um dóles. E a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, não tem cuidado?

«Neste «domingo da escolha» façamos a nossa: ou Deus ou Satanás; ou o Céu ou o mundo».

Ao nos fazer participantes de sua natureza divina, conferiu-nos Cristo, juntamente com o título de «filhos de Deus», o direito de contrarmos com o Amor de seu Pai, e ao associar sua divindade à natureza humana, por sua encarnação do seio da Virgem Maria, conferiu-nos com o título de «filhos de Maria» o direito de contrarmos com o seu Amor de Mãe. Pois, pegamos a Maria, nossa Mãe Celeste, que nos ajude a escolher nosso Irmão Jesus e perseverar até a Jerusalém Celeste e Eterna.

(Antônio Maia — 1)

A Bárbara Eleodora

(Inédito)

Bêca Traçoira e daninha
Para teu mal, disse outrora
Que eras, Bárbara, Rainha.
Pois isso mesmo és agora,

Quando do alto dominas
Dos vales e dos outeiros
Do pátrio berço de Minas
Os corações brasileiros

Es novamente uma estrela
De extraordinário esplendor
E todos gostam de vê-la
Seja lá onde for
Onde não há amargura.
Nem de nuvens negros véus,
Longo desta terra escura.
No mais profundo dos céus!
Engastada no azul
Do Cruzeiro do Sul!

E. Vilhena de Moraes

Beatificação dos Videntes de Fátima

Representantes Arquidiocesano Rev. Cônego Valentim Marques — Cartas coligidas pelo chefe da Equipe, Geraldo Mendes, agradecendo e pedindo Graças e ofertando óbulos.

Regina Etchartz Lage, residente à Rua Pereira de Almeida n.º 28 — Tijuca — agradece aos Pastorinhos de Fátima duas graças recebidas, o êxito de uma intervenção cirúrgica a que se submeteu, e os ótimos resultados obtidos por sua filha Maria Aparecida nos exames, e nos envia um donativo de NCr\$ 15,00.

Em agradecimento aos Videntes de Fátima por uma graça recebida, Maria dos Santos Ferreira de Oliveira, residente à Rua Domingos Cabral n.º 41 — Jacarepagua, nos envia um donativo de NCr\$ 10,00.

Vitalina e Irene Gomes Dias, agradecem aos Pastorinhos de Fátima as graças recebidas e podem orações para alcançarem novas graças.

Francisca Serra residente à Av. Radial Sul n.º 2110 Apt. 405 Botafogo, agradece aos Pastorinhos de Fátima a graça recebida em favor de seu irmão e nos envia um donativo de NCr\$ 1,00. Nossa colaboradora pede orações por ele.

Adelaide Machado Gonçalves, residente à Rua Paraíso n.º 54 — Santa Tereza, pede orações para alcançar uma graça e nos envia um donativo de NCr\$ 5,00.

Manoel Ferreira Lima e Família, residente à Rua Barão de Itapagipe n.º 331 c/25, nos enviou sua costumeira contribuição de NCr\$ 2,00 e pede orações para alcançar uma graça.

Laura da Conceição residente em Parada Angélica Estado do Rio agradece aos Pastorinhos de Fátima as graças recebidas e nos envia um donativo de NCr\$ 5,00.

Gloria Capela, residente à Av. Braz de Pina n.º 804 Apt. 201 pede orações para alcançar uma graça e nos envia um donativo de NCr\$ 5,00.

Uma colaboradora Anônima nos enviou para nossa Campanha um donativo de NCr\$ 5,00.

Maria Lídia residente à Rua Magé n.º 203 agradece aos Pastorinhos de Fátima a graça recebida e nos envia um donativo de NCr\$ 1,00.

Beatriz de Souza agradece aos Pastorinhos de Fátima a graça recebida

e nos envia um donativo de NCr\$ 10,00.

Antônio Ferreira de Aguiar, residente à Rua Cel. Guimarães n.º 177 Engenho de Niterói E, Rio agradece aos Pastorinhos de Fátima a graça recebida e nos envia um donativo de NCr\$ 15,00.

Alice da Silva Cunha, residente à Av. Ministro Edgard Romero n.º 319

c/I Madureira, agradece aos Pastorinhos de Fátima a graça recebida em favor de sua mãe e nos envia um donativo de NCr\$ 5,00.

Se o prezado leitor receber alguma graça por intermédio dos Videntes Pastorinhos, escreva ao representante Arquidiocesano Rev. Cônego Valentim Marques, envie sua carta para a Matriz do Santíssimo Sacramento à Av. Passos n.º 50.

CRUZADA CATÓLICA NORMA DE VIDA

Joaquim de Mello Polycarpo

Como já vimos até agora, em nossas relações sociais faltamos com o nosso amor ao próximo pecando por várias maneiras, o que vai de encontro ao segundo e grande mandamento de Nosso Senhor que diz: "Amar o próximo como a nós mesmos".

Hoje, estudaremos o TESTEMUNHO.

Testemunho é depoimento, deposição, declaração, atestado, prova, demonstração, etc. que uma pessoa dá a respeito de outra ou de algum fato ocorrido, para servir no julgamento em juízo, constituindo crime, quando o testemunho é falso.

O testemunho pode ser considerado de duas naturezas: o testemunho divino-humano, quando somos chamados para servir a Deus entre os homens — o sacerdócio, especialmente a profecia — pois os ministros de Deus são Testemunhas de Cristo, sendo o falso profeta castigado severamente segundo a Lei de Deus. No sentido lato do termo, todos os verdadeiros cristãos, isto é, batizados, são testemunhas da verdade religiosa perante os homens e como tais devem ser em conformidade com a Fé e a Igreja.

em obediência às autoridades legítimas constituídas. Os católicos de hoje, sem desobedecerem aos seus Pastores, devem se levantar em massa — como aliás já estão fazendo (alguns) — para testemunhar da verdade da Fé Católica perante o mundo e em defesa da ortodoxia do cristianismo, como tem pedido Nossa Senhora através de suas várias aparições das quais transcrevemos algumas de suas mensagens:

Primeira mensagem. "Dentro de uma flâmula, escrita com letra minúscula pendente da mão de N. Senhora: — "Jesus Cristo, eterno Deus, o paganismo ameaça o mundo! Erguei o altar, orai com fé e vos servis do milagre da conversão".

Segunda mensagem. "Eu sou a virgem imaculada. Ouvi-me. Dizei ao sacerdote de Deus para dizer ao povo: Grandes tormentos ameaçam o mundo. Cultivai a terra para não faltar provisão nos dias tormentosos. Orai, fazei penitência. Rogai a Jesus Eucarístico para que o Brasil não seja atingido. Homens ímpios, negando a existência de Deus, querem transformar o mundo em antros, para impor

à humanidade suas idéias perversas. Sacerdotes, abandonando a Deus, põem em perigo a fé do povo. Mães que perdem o amor maternal provocam horribles crimes", etc.

Em nossas visões da Mãe de Deus, — embora não nos achemos dignos de transmitir alguma coisa de sua parte — tivemos como já o declaramos nesta mesmoclama — a mente despertada a respeito do pecado sexual, pois no mundo moderno há homens que julgam ser necessário o ensino à criança a respeito do sexo, quando isto não possa de um aproveitamento de uma época de crise de moral. Ah! que infelicidade! Assim fez a maldita serpente do Edem, advertindo a primeira mulher na sua inocência, dando — como é comum em toda pessoa endemoninhada — um falso testemunho de Deus, dizendo que o que Ele a havia ensinado não era verdade. (Gen. 3).

O testemunho propriamente humano é o que se dá apenas em nossas relações uns com os outros. Comunidade, ao vermos algum acontecimento que envolve o nosso semelhante; que precisa ser julgado; que dá processo, etc. estamos sujeitos a ser chamados como testemunha e o cristão fica na obrigação de ser fiel no seu depoimento de acordo com a justiça, pois ao contrário cometemos o pecado de falso testemunho.

Há dias, observamos um caso desse. Um certo casal de operários entrou num ônibus muito cheio. O pobre homem levava ao ombro um filho dormindo e a esposa levava outro, demonstrando ambos muita impaciência. No momento em que o dito homem foi atravessar na roleta o motorista deu uma freada muito forte e a roleta deu mais voltas, enquanto o passageiro quase caiu com a criança nos braços. O cobrador, vendo-se em prejuízo, cobrou mais quatro passagens ao impaciente, nascendo daí uma forte discussão entre ambos. Vimos que o passageiro tinha razão no caso em apêço. No entanto, perdeu o seu direito, sendo obrigado a pagar o que não devia, porque a maioria dos outros passageiros foi a favor do cobrador e do motorista que chegaram até a fechar a porta do carro para ele não sair.

Notemos, pois, como é difícil ser cristão! Mas Nosso Senhor diz que o fiel recebe a coroa da vida, enquanto o infiel está sujeito às penas do inferno. Os bons (justos) vão para o céu e os maus (ímpios) para o inferno, doutrina esta que Nosso Senhor ensinou com muita ênfase em todo o seu ministério.

NOTÍCIAS DE PAQUETÁ

reportagem de ABEL S. DOEDERLEIN

A CASA DO PEQUENO JORNALEIRO COLABOROU COM AS FESTAS DE SÃO ROQUE — 1969

Nosso registro especial à colaboração da Casa do Pequeno Jornaleiro às festividades deste ano em homenagem ao padroeiro de Paquetá. Representada por um grupo da valorosa banda musical daquela Instituição Soci-Educacional, tendo à frente a figura simpática do seu administrador sr. José de Alexandre Salvador, os jovens Waldemir Patrício Ferreira — Valdir Patrício Ferreira — Amaury Sérgio Rodrigues — Francisco José de Sá Santos — Nicanor Inácio Francisco — Luiz Carlos da Costa Pires — Robson Maria de Abreu e Aguilardir José de Oliveira receberam delirantes aplausos de todo o nosso povo presente nas noites dos dias 15 e 16, pelo seu brilhante desempenho musical. Durante a sua permanência em nossa ilha, foram eles hóspedes do tradicional Bar Beira Mar, de propriedade do feliz casal Heriberto Iná Paixão que lhes deu todo o carinho e a melhor acolhida.

JOSE DA SILVA COMANDO O LEILÃO DAS FESTAS DE S. ROQUE

Marcou, sem dúvida, autêntico sucesso a presença do alegre, atencioso e dinâmico José da Silva, no comando do leilão das festas de S. Roque — 1969. Seu desempenho dos mais brilhantes, conquistando a atenção e a simpatia do nosso povo, constituiu-se em verdadeira alegria que deixou grande saudade no coração de todos.

GRÊMIO RECREATIVO MOCIDADE ATÔMICA APRESENTARÁ SUAS

CANDIDATAS À RAINHA DA PRIMAVERA DE 1969

Marcada pelo Departamento Feminino do G.R.M.A. a data de 20 de setembro vindouro para realização do Baile de apresentação das suas candidatas ao título de Rainha da Primavera do clube no ano de 1969. O Baile de coroação da jovem eleita Rainha e das duas Princesas, será realizado no vindouro 18 de Outubro.

ANIVERSÁRIOS Na residência de seus pais, no Rio, à rua Filgueiras Lima, 15, estação de Riachuelo, a jovem Lúcia Regina Moreira dos Santos, unigênita do casal Antônio Carlos dos Santos e D. Léa Moreira dos Santos, oferece a seus familiares e amigos no dia 5 próximo linda festinha comemorativa de sua 15.ª primavera. A dita aniversariante é apromorada aluna do Instituto Guanabara onde completará seus estudos este ano.

UMAS... E... OUTRAS... Parabéns ao feliz casal Luiz Felix de Carvalho e D. Orsinda Mello de Carvalho pela apresentação da sua casa própria construída à rua Adelaide de Alambary, 80, frente ao estádio do M.F.C. e que torna-se mais um dos belos ornamentos da nossa romântica ilha.

Parabéns, também, a simpática srta. Alzira Suede, recém eleita Diretora do Departamento Feminino do G.R.M.A. e que contará com o valioso concurso das graciosas srts. Nilza e Ivete.

Você sabia que as "feras" da equipe das camisas rosas que atuam todas as manhãs no estádio do B.F.R. venceram

no passado dia 23, pelo elevado escore de 6 x 3 com 3 tentos de Waldir Ceideira considerado o "Tostão" de Paquetá numa partida em que não houve vítimas?

Você sabia que o valoroso sr. Manoel, atração do programa de caloures apresentado nas festas de S. Roque, 1969, como compositor, cantor e vendedor de piadas, é descoberta do dinâmico José Carlos?

Com "aquele" abraço, recomendamos às residências senhoras e senhoritas da nossa sociedade. O Salão da Pequena, à rua Pinheiro Freire, 27, aquela casa cor de rosa de janelas e portas brancas onde outrora existiu uma Grande Pequena.

E, não deixe de assistir, no sábado próximo, dia 6 de setembro, no estádio do B.F.R., ao sensacional jogo de futebol entre o campeão de Paquetá e a representação do Macêdo Sobrinho F.C., de Botafogo, integrada de elementos deste jornal.

A Cruz recomenda

TIJUCA

ADVOGADO E CONTADOR
ERNANI R. FERNANDES — ADVOGADO E CONTADOR — Rua Nísia Floresta, 64 — Fone: 38-5245
Causas cíveis, comerciais e trabalhistas. Cobranças Judiciais. Contabilidade geral. Regularização de escritas.

BOTAFOGO

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
ALMEIDA IRMÃO & CIA. LTDA.

— Rua da Passagem, 66 Fone: 26-0948

Madeiras e materiais de construção. Vendas por Atacado e Varejo

BOMBAS HIDRAULICAS
IRZIM ELETRICA LTA. — Rua General Polidoro, 83-A — Fone: 26-5861

Enrolamentos de motores e instalações elétrica e hidráulica

ZIMMERMANN IRMAOS LTDA. — Rua São Manoel, 5 — Loja B —

Fone: 46-7574

Consertos, instalação e vendas de bombas hidráulicas — enrolamentos de motores em geral

CAMISARIAS

CAMISARIA PRIMOR — Rua São João Batista, 13

Artigos finos para Homens.

MÓVEIS

CASA DOIS IRMÃOS — Rua da Passagem, 43 — Tel.: 226-2838.

Elegância, Conforto, Durabilidade. Vendas a longo prazo sem flader — Colchoaria, Malas, Tapetes, Dormitórios artísticos para casal ou solteiro, Salas, Móveis a vultos, etc. — Entrega a domicílio. Fábrica própria — Rio de Janeiro

PADARIA E CONFEITARIA SÃO

JOÃO — Rua Voluntários da Pátria, 301 — Fone: 26-0244 26-4301
Pães, Biscoitos, Doces, Conservas, Bebidas Fritas, Sorvetes, Pão Forma, Bolos Especiais, etc.

ALFAIATARIA

ALFAIATARIA PRINCEPE PERFEITO — Rua General Polidoro, 168-A
Alfaiataria — Camisaria — Cama e Mesa

Clínica de Olhos

NOITE E DIA

Consultas e Pronto Socorro dia e noite, inclusive domingos e feriados — Exames especiais de investigação e controle de Glaucoma — Operações — Lentes de contato — Seção especializada em Estrabismo — Betaterapia — Fotocoagulação LASER

Direção: Prof. Luiz Eurico Ferreira e Drs. Dilson Marques Silva, Kazino Arakaki, Carlos Lopes Nunes, Renato Ambrósio e Aroldo Mazza
AV. N. S. COPACABANA, 1052 - 4.º ANDAR
TELS.: 56-1290 e 56-0574

Piedade: RUA CAPELA, 96 (das 7 às 11 horas)

COMPANHIA PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

FABRICA BANGU

TECIDOS FINOS

XIJAM SEMPRE A MARCA

BANGU

QUE GARANTE!

CORES FIRMES, PERFEIÇÃO E DURABILIDADE

ESCOLA MEU RECANTO
Maternal — Jardim — Primário
Iniciação Musical — Bandinha — Inglês — Palestras aos pais pela psicologia
CINIRA MENEZES
Membro do Conselho Estadual de Educação
Condução Própria
Rua São João Batista, 108 Tel.: 46-7452

TUDO EM MATERIAL ELÉTRICO

Menor Preço Maior Variedade Melhor Qualidade

CASA Titus

ao lado da Light.

especialização e tradição de 37 anos

Av. Marechal Floriano, 144, 146 e 154 tels.: 43-7885 - 43-5043

CASA "ITAMAR"
— DE —
ARMARINHO LTDA.
Tecidos e Cama e Mesa
Praça Saenz Peña, 29
Telefone: 254-1663

SOM & IMAGEM

P. Q. Nino

Roberto Carlos, exclusivo da CBS, o cantor que mais fatura no Brasil, estará na TV em setembro, segundo anuncia a Tupi. Boa notícia, principalmente se voltar renovado. Se retornar igualzinho como foi, não sei o que será do programa.

— oOo —

Lêni deve estar bendizendo o lapso de memória que aumentou seu prestígio e seu faturamento de prêmios, além de ampliar seus recebimentos com apenas 4 programas. Bendita amnésia. Com dez programas receberia uma casa e com 14 receberá duas e mais os prêmios que estão chegando e ainda vão chegar. Ótimo.

— oOo —

Hugo Montenegro e sua Orquestra em Good vibration; Classical gas; another time another place; Tony's theme; A future left behind; Lady in cement; Happy together; Lulaby from Rosemary's baby; Knowing when to leave; Night Rider; Love is blue, ótimo LP para quem aprecia a música americana e são muitos.

— oOo —

Jerry Adriani, o "garotão" da CBS, faturando bem o seu LP com as músicas: Palavras de carinho; Tudo que é bom dura pouco; Não me perguntem por ela; Se tu sofresses quanto sofro; Tentei; Hoje quiz lhe falar; Que vou dizer; O quanto te quero; Um homem só; Quero saber; Existe outro alguém; Ando em volta pelo mundo. O "garotão" é outro que fatura em todo o Brasil, onde é bastante querido.

— oOo —

Marisa Rossi, exclusiva da Codil, marchando bem com a Moça do sobrado. A sussurrante está satisfeita com a acolhida do público.

— oOo —

Associação Brasileira de Rádio e Televisão, comprando o Jornal do Radialista e colocando-o a serviço do artista brasileiro. Parabéns.

— oOo —

Ainda há incautos que acreditam nas "ofensas" do Borba e nas "defesas" do Silvio Santos. Não há nada para se ficar zangado. Há muitas maneiras de se procurar cartaz no Rio. Uma delas é exatamente esta: falar mal das pessoas que são queridas e populares. Isso dá uma popularidade... Só que o tipo já está saturando o carioca. Engraçado que a pessoa mais visada nesse tipo de propaganda é o Flávio Cavalcanti e agora os seus "meninos" e dentre eles, o zangadão José Fernandes. Só não gostei dos palpites do Celso Teixeira, agora em São Paulo, tirando onda de muito popular no Rio, o que é mentira, e dizendo que não dá o nome do cronista para não popularizá-lo. Celso sempre foi gozador. Tão grande e tão ingênuo. Popularizar, como? Até parece que o Rio inteiro conhece o desconhecido Celso.

— oOo —

E as meninas casadoiras do Longras foram para o "beleléu", desde que o programa foi absorvido pelo Silvio Santos que não é tão "santo Antônio" quanto o seu antecessor. E tanta senhora bem intencionada desejava realmente casar...

— oOo —

Na onda do bugaloo, é um LP CBS, que poderá estourar de uma hora para outra pois o ritmo é gostoso. Procurem ouvir e vejam se não.

— oOo —

Gostaria que J. Silvestre explicasse a sua surpresa porque na resposta de um jogador de futebol, apareceu a palavra Deus com letra maiúscula e J. Silvestre admirou-se. Essa poucos entenderam.

— oOo —

Pedro Paulo caminhando bem com as músicas de seu LP Quero um beijo seu; Você partiu; Meia volta; Ponha no lugar; Mensagem; Porque estou apaixonado; Boa noite; Não fico mais sem teu carinho; Será; Além de toda razão Viu; Eu preciso de carinho. Parabéns ao rapaz que vai caminhando bem.

— oOo —

Armando Macedo com o seu bandoline seu disquinho na Codil, caminha cada vez mais para o sucesso que merece. O rapaz é o máximo, considerando sua pouca idade. É questão de tempo, vocês verão.

— oOo —

Há um disco Festa, distribuição da Philips, que merece a atenção dos que apreciam a bela música com Arnaldo Estrela ao piano e Francisco Mignone na regência. É uma beleza. Concerto para piano e orquestra. Para quem aprecia é firme.

— oOo —

Aguardem mais alguns dias que a Continental terá notícias fresquinhas e importantíssimas. Desta vez ou vai ou racha.

— oOo —

Consta que a Excelsior despediu ou vai despedir todo o seu elenco. Dizem que a situação é a pior possível e o canal 2 vai viver (ou morrer) na base do vídeo tape de São Paulo o que será, realmente o fim. Quem com ferro fere com ferro será ferido, é o que diz o velho adágio.

— oOo —

Cada vez mais absoluta a TV Tupi. A Globo por mais que se mova não sai da mediocridade. A Rio não existe. A Excelsior, confirmando-se os boatos desaparecerá da casa dos espectadores. Ficarão apenas a Tupi e a Continental, se acontecer o que está programado. Esperemos mais uns dias.

CONTO DA SEMANA

As Portas do Outro Mundo

Uma pobre e piedosa mulher, próxima à morte, chamou seus três filhos. Jorge, João e José, para abençoá-los e despedir-se deles.

— Meus filhos, vou morrer. Deus me chama para reunir-me com vossos pai. Estou conformada, com a vontade de Deus, mas sinto grande tristeza porque vos deixo jovens inexperientes e pobres. Deus, porém, que cuida dos passarinhos e das flores, não vos abandonará, se sois virtuosos. Rezaei por minha alma. Frequentai a Igreja. Amai-vos mutuamente. Fazei aos outros o que quereis que vos façam. Socorrei os pobres. Assim, agradareis a Deus, nosso Pai. Recebei agora estas três pães que mandei preparar como último presente de vossa mãe. Comei, se tiverdes fome. Mas se um pobre pedir, não lhe negueis um pedaço. O pobre é o mesmo Jesus Cristo em figura. Se derdes pão ao pobre faminto, Jesus vos dará seu reino. Eu vou para o outro mundo. Ali vos esperarei. Segui os meus exemplos de piedade e caridade e chegareis ao mesmo termo que eu. Na dúvida, perguntai a quem sabe o caminho. Adeus, meus filhos. Deus vos abençoe e vos faça felizes nesta vida e na outra.

A mãe faleceu confortada com os auxílios da religião. O filho maior, Jorge, parecia estar mais abatido do que triste. O segundo, João, ocultava suas lágrimas de sentimento. O terceiro, José, chorava amargamente. No dia seguinte após o funeral de sua mãe, apresentou-se o proprietário da casa e disse:

— Vossa mãe ficou devendo-me o aluguel de vários meses. Não podeis pagar? Desocupai a casa já e já.

— Os três irmãos não sabiam para onde ir. Combinaram sair perguntando:

— Qual é o caminho do outro mundo? Queremos ir onde está nossa mãe.

Cada um preparou sua trouxa metendo numa sacola o pão recebido de mãe como último presente do seu amor.

O maior só pensava em si mesmo. Possuía a liberdade de fazer sua vontade! O mediano caminhava sem preocupar-se com seus irmãos. E o menor, lembrando-se de sua mãe e de suas recomendações, o caminho formava um zig-zague e os irmãos não se viam. O maior ia adiante. Encontrou no meio do caminho um cruzeiro, estendendo os braços como uma barreira. Detrás saíam três veredas: uma para a direita, descendo, entapada de flores; outra para a esquerda, plana; e a terceira para a frente, áspera e ascendente. A beira do caminho achava-se um ancinho de cabelos brancos em atitudes de pedir esmola.

— Uma caridade pelo amor de Deus! — disse a Jorge — Sou velho e tenho fome!

Mas Jorge continuou andando, sem responder.

— Em nome de Jesus Cristo! Um pouco de pão!

— Deus o ampare! — respondeu — Nada tenho para dar.

E continuou seu caminho, comendo o pão da mãe. Ao lado do cruzeiro estava um jovem erguido, vendo e ouvindo tudo, a quem Jorge perguntou:

— Diga-me, ó moço, qual é o caminho do outro mundo?

— Como pode apreciar, são três — respondeu o jovem — Sem dúvida quer tomar este da direita, porque é o mais cômodo e agradável, embora não é o que seguiu sua piedosa mãe. No final encontrará a porta vermelha do outro mundo.

Não havia terminado de falar o jovem, quando Jorge tomava a vereda da direita, pulando e dançando alegremente entre as flores que alcatifavam vicejantes as margens.

Pouco tempo depois chegou João perto do ancinho. Este pediu-lhe também:

— Igualmente que Jorge, o rapaz não lhe deu atenção. O ancinho insistiu:

— Em nome de Jesus Cristo, queira dar-me um pedaço de pão!

João lembrou-se da mãe e sentiu

remorso. Tirou o pão da sacola, cortou um pedacinho e o deu ao ancinho. Aproximou-se do jovem erguido ao pé do cruzeiro e perguntou:

— Qual é a vereda que leva ao outro mundo?

— As três conduzem a ele — respondeu o jovem. — Certamente você quer tomar a da esquerda, porque não tem coragem para seguir a do centro, que é mais estreita. No final dessa vereda da esquerda encontrará a porta verde do outro mundo.

João seguiu essa vereda de superfície desigual, menos agradável que a da direita. José, o menor dos irmãos, apareceu então no lugar onde estava o ancinho que também foi suplicando:

— Uma caridade pelo amor de Deus! Sou velho e tenho fome!

José não o deixou terminar. Abriu a sacola e ofereceu todo o pão ao ancinho.

— E demais, meu filho. Com um pedaço tenho suficiente.

— Fiquei pelo menos com a metade. Minha mãe disse-me que distribuisse o pão com os pobres, porque representam Jesus Cristo que mereço tudo.

Partindo o pão, deu o pedaço maior ao ancinho. O jovem ao pé do cruzeiro ouviu as palavras generosas de José e sorriu. Perguntando qual o caminho do outro mundo, respondeu com afeto carinhoso:

— As três veredas conduzem ao outro mundo. Eu te aconselho meu filho, tomar a do centro, frente ao cruzeiro. É mais estreito e difícil, mas ao fim encontrarás a porta branca do outro mundo.

— Sim, ali está tua mãe e teu pai. Estão te esperando para abraçarte.

— Oh, que alegria! Estou vendo, porém, que a vereda está sin-ladear ascendente e tem pedras e espinhos. Tenho medo de não aguentar e cair.

Não tenho medo, meu caro — disse o jovem — Deus encarregou-me de acompanhar-te. Eu te guiarei para evitar tropeços nas pedras, e os ferimentos dos espinhos. Quando desfoleceres, eu te darei a comer um pão branco que te confortará. Animo e coragem, meu filho!

Aquela jovem era o Anjo da Guarda de José. Tomou-lhe a mão e guiou-o pelo caminho estreito da virtude. Seguindo-o perseverante, fortalecido com o pão branco (da comunhão), obediente a suas inspirações, chegaram frente à porta branca, em cujo frontispício havia esta inscrição:

Mansão da Felicidade
Jesus, junto com o pai e a mãe, saíram a receber José que, exultante de alegria, entrou no céu.

Quase ao mesmo tempo chegou João, o segundo dos irmãos. Chamou e lhe foi aberta a porta Verde, dando entrada, não ao lugar de luz e harmonias, onde José recebeu os abraços e carinhos dos pais, mas a uma espelunca onde os ali reclusos sofriam diversos castigos e penalidades: Era o Purgatório.

Jorge, o irmão maior, de coração duro, que contra a recomendação da mãe (a Igreja) negara ao ancinho faminto o pedaço de pão pedido em nome de Jesus Cristo e gozou a vontade, sem lei e sem consciência, dos prazeres ilícitos do mundo, encontrou-se frente à porta vermelha. Aberta, foi encerrado e prisão perpétua em castigo de sua falta de amor ao próximo, em particular de caridade com os pobres.

Nós, por qual destas três portas entraremos no outro mundo? Dependendo de nossa conduta moral nesta vida.

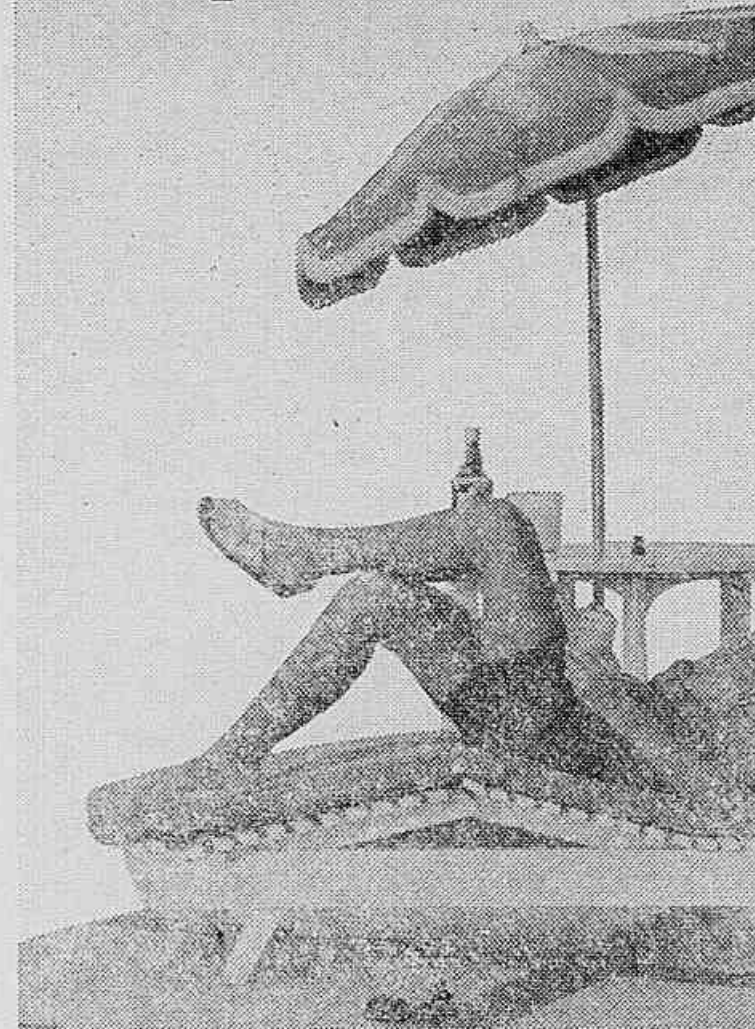
Desejo a todos os leitores a entrada pela porta branca que dá acesso à felicidade eterna.

Autorizada a reimpressão, indicada a fonte.

— oOo —

Enquanto isso, Aerton Perlingeiro continua firme na audiência absoluta aos sábados de tarde. É programa para tudo que é gosto. Quando se sabe fazer programa o êxito é certo e duradouro. Quando não sabem, a resposta é a da sempre. É a TV que "queima" rapidamente o artista. O que queima artista ou produtor é a burrice e o desprezo do público, não a TV.

por que
você não fica
independente
no dia da
independência?



ncr\$

2.100.000,00
servem?

mpm

6 de setembro
Loteria Federal

Vida Social

ANIVERSARIO

Viu o transcurso de sua data natalícia, no Via 27 do corrente, o Sr. Umberto Simione, síndico do Edifício Rocha Cabral. Prestimoso e diligente, foi o aniversariante muito cumprimentado pelos condôminos.

Transcorre no dia de hoje o primeiro aniversário natalício do robusto menino Luiz Eduardo, primogênito do simpático casal Luiz e Maria Terezinha Barcelos e neto do casal Fausto e Judith, nosso assinante.

Saudando a nova África

(Cont. na pág. 6)

sua perfeição moral, sua liberdade social. Encara o ser humano na sua integridade de filho de Deus, de irmão de Cristo. Quer fazer de seus filhos cidadãos honrados, amantes da família, da pátria e da humanidade. Vimos, a luz do seu cristianismo, um povo bom, aberto à sublime visão da Paz, não só a doméstica, mas a nacional e mundial.

ÓTICA INGLESA

Dentária-Cirurgia Ltda.

Aparelhada seção de ótica e cine foto

Matriz:

Rua 7 de Setembro, 179 - Tels.: 243-5224 e 243-4607

Filial:

Av Copacabana, 534 - sobreloja, 204 - Tel.: 237-9155

CAMISAS SOB MEDIDAS E CHEMISIER

ATENDE ENCOMENDAS DE BOTIQUE
OS MAIS MODERNOS E FINOS MODELOS

DELENIR LIKER

Rua Prudente de Moraes, 10 - 106

Rio de Janeiro

A França está celebrando o bicentenário do nascimento de Napoleão Bonaparte. Entre as comemorações realizadas, uma foi em Ajaccio, na Córsega, onde nasceu o Imperador. O presidente Pompidou pronunciou um discurso patético. Das palavras do atual chefe do governo francês merecem destaque as referências à derrota de Waterloo e aos últimos dias da existência do herói: "O grande fim e nada é maior do que o infortúnio".

O cativo e morte de Napoleão comoveram todo o mundo. No Brasil repercutiram nos versos de Gonçalves de Magalhães, quando exclamava:

Eleio sentado em cima do recheado ouvindo o eco fúnebre das ondas que murmuram seu cântico de morte. Braços cruzados sobre o largo peito, qual naufraga escapado da tormenta que as vagas sobre o escolho rejeitam, ou qual marmorea estátua sobre um

que grande idéia ocupa e turbilhona daquela alma tão grande como o mundo".

A poesia do autor da "Confederação dos Tamoios" continua falando da traição dos reis, que Napoleão beneficiara, e dos pigmeus que assumiram o poder depois da obra gigantesca do Império; e acrescenta:

"Jamais, jamais mortal subiu tão alto
foi o primeiro sobre a terra;
acima dele, Deus — Deus, tão sumente!
Da liberdade foi o mensageiro;
sua espada, cometa dos tiranos,

foi o sol que guiou a humanidade". Esse entusiasmo do poeta refletia o de uma geração dividida, em Portugal e no Brasil, por dois notáveis estadistas: Antônio de Araújo e Azavedo (Conde da Barca), que poliarizava as aspirações do chamado "partido francês" e dom Rodrigo de Sousa Coutinho (Conde de Linhares), simpatizante da Grã-Bretanha e inspirador do "partido inglês". Certamente Gonçalves de Magalhães era fervoroso adepto do primeiro.

A trajetória de Napoleão coincidia com o movimento de independência dos povos americanos. Operava-se na Europa a transformação das velhas realidades, baseadas no absolutismo, para novas formas de governo, e isso se devia a Bonaparte na ponta de cuja espada brilhavam as idéias da Revolução Francesa. Como todas as revoluções, a dos franceses degenerou no entrelhecho de grupos e na desordem, que enfraquecia o país em

face das demais nações européias. Depois do golpe de Brumário, dado pelo então comandante da guarnição de Paris, a revolução foi se recompondo, em busca de uma linha de equilíbrio, sem a qual teriam fracassado todos os seus ideais. Na evolução desse processo, Napoleão ascendeu, sucessivamente, de Primeiro Cônsul a Cônsul Vitalício e, finalmente, foi coroado Imperador.

Uma obra cultural e administrativa do Império não teve precedentes na História da França. Já muito antes, na oportunidade da campanha do Egito, viu-se o que até então parecia impossível: um general rodeando-se de

sábios, de pesquisadores, de cujas investigações resultou o exame da pedra da Roseta, onde Champollion encontrou as chaves para a decifração dos hieróglifos. No poder, Napoleão prestigiou cientistas e artistas em sua pátria e a mesma atitude adotava com referência ao gênio de outros países. Foi amigo de Goethe e de tal forma impressionou Beethoven que este compôs, glorificando o Imperador, a sua famosa "Sinfonia heroica".

Cumpria dar corpo e estrutura permanente às idéias novas que deveriam influir, não somente nos governos de uma fase histórica de renovação, mas nas leis que tinham de reger a sociedade daí por diante esboçando com firmeza, em normas jurídicas seguras, os princípios que nortearam as relações dos indivíduos e das famílias. Mobilizou o que a França possuía de mais expressivo na ciência do direito e produziu o Código Civil, que até hoje constitui o alicerce da legislação em todos os países democráticos.

Da grandeza da França e do aproveitamento do que havia de racional e justo na Revolução, sem permitir a confusão ideológica e os excessos de que não estão isentos os movimentos inicialmente generosos mas corrompidos pelas paixões e animosidades recíprocas de grupos, partiu Napoleão para uma aspiração maior: a de uma verdadeira confederação dos Estados europeus, resguardadas as respectivas independências. Tal idéia se realizou, impediria se efetivassem o domínio da Rússia czarista e o arbítrio da Inglaterra, a qual, naquele tempo, começava a se tornar a rainha dos mares.

De vitória em vitória, alcançadas pelo seu gênio militar, ao qual não faltaram dois elementos poderosos (a mística dos franceses e a receptividade ideológica dos povos das demais nações), prosseguiu Bonaparte visando aos seus objetivos. A aliança conseguida com a Áustria e a Rússia, inicialmente suas opositoras, marcou o apogeu da política bonapartista.

Com sua aguda intuição, os ingleses perceberam o perigo que representava para o Império britânico o fortalecimento de uma Europa continental liderada pela França. A rivalidade tinha raízes históricas longínquas e profundas. O interprete principal da consciência política inglesa era Pitt, cujas pegadas foram seguidas por Canning, depois das derrotas sofridas pela Inglaterra e seus aliados em Ulm e Austerlitz. Não descansaram, entretanto, os britânicos, trabalhando sem cessar para alimentar nas nações germânicas o espírito de luta contra Napoleão. Pessou em meu arquivo, oriundo do acervo de documentos do encarregado de Negócios da Portugal em Viena, uma extensa monografia autografa, denunciando os panfletos que o governo fazia distribuir contra o Imperador dos franceses. A Rússia estava de olho sobre as manobras anti-napoleônicas do que resultou a mais desastrosa das guerras empreendidas pelos franceses, já em dificuldade na Espanha.

Seria longo, num simples comentário de jornal, rememorar os transe políticos pelos quais passou o Imperador francês até 1815. A traição minava o gênio de Bonaparte, a começar de seu sogro, o imperador na Áustria, orientado por Metetrnich e a terminar entre seus próprios conselheiros sobretudo por Tayllerand e Fouché. O herói não pôde mais resistir. Considerando-se vencido, abdicou, em favor de seu filho, em Fontenbleau e seus inimigos o confinaram na ilha de Elba. Mas Napoleão não poderia terminar sua carreira gloriosa como um peccato burguês ou um príncipe exilado, ao qual se concedia relativo conforto. Sua biografia tinha de se coroar numa tragédia. Empreende a fuga; por onde vai passando aderem seus velhos soldados sendo o último o marechal Ney, mandado contra ele e cujas tropas se juntaram às de Napoleão. Os Bourbons fogem de Paris. Inicia-se o célebre período do "governo dos Cem Dias". O herói reagrupa seus fiéis. Por outro lado, a Áustria, a Prússia, a Rússia e a Inglaterra preparam seus exércitos. O encontro realiza-se em Waterloo e a baía é decretada genialmente por Victor Hugo. Quando o chefe dos exércitos anti-bonapartistas, Wellington, declara "tudo perdido, menos a honra", eis que um erro do guia das tropas francesas ocasiona o desastre. Uma tromba surge no horizonte; os gauleses irrompem em exclamações de alegria, julgando tratar-se da coluna de Grouchi mas

A tentação do modernismo. — O homem já veio para a vida com a destinação maravilhosa para a perfeição e Nosso Senhor nos indicou o alvo dessa destinação: sede perfeitos como o Pai do Céu é perfeito. A sede de melhorar sempre suas condições de vida, tanto individual como social, é portanto um caminho de perfeição, sendo pois legítimo todo o otimismo, que a maioria das almas sente e cultiva. Talvez nesse sentido foi que o Papa expediu a encíclica Populorum Progressio, apontando o verdadeiro caminho que a humanidade deve seguir, servindo-se do magnífico estágio da cultura universal alcançado e que está assombrando muita gente, como se já fosse o ápice da perfeição. Estamos porém muito longe disso, podendo-se afirmar que ainda andamos aí pelos 40%, daquilo que será o conhecimento de tudo que existe na terra e além da terra, na matéria e no espírito, diríamos nós, catolicamente, na terra e no céu.

Mas como tudo que é humano pôde estar em duas situações, não propriamente opostas, mas apenas alternadas, como a luz e a sombra, a saber o normal e o anormal, desde que o homem vê-se na linha do progresso e da civilização, pela cultura, à luz da normalidade, surge sempre a sombra da anormalidade. Assim no paraíso, os protoparentes, que deviam viver normalmente, constituindo a primeira família, gerando seus filhos na perfeição, obedientes e submissos à primeira lei ditada pelo próprio Criador, na situação complementar do homem da mulher, crescendo e multiplicando-se para encher a terra, na normalidade da lei da causalidade, deixam-se seduzir pela tentação do modernismo, pretendendo libertar-se dessa lei e da obediência e da humildade de criaturas diante de seu criador. Quiseram fugir à evolução normal dos fatos na expansão lógica dos antecedentes e consequentes, para tomar a direção de si mesmos e do ambiente em que se encontravam. Por essa tentação, revoltaram-se, tornando-se insubmissos, afrontando a autoridade de quem os puzera ali e lhes dera a segunda lei: não comereis do fruto daquela árvore. Eis a lei primordial ou vinculação do homem à autoridade e ao princípio que essa podia ditar e ditou, talvez mais como condição posta à frente da inteligência humana, para reconhecer que sobre ela deve pairar a lei do Criador. Depois, no curso da história, a lei do representante do mesmo. Também dessa lei deve provir o conhecimento lógico de que não pode haver normalidade fora da lei, mas da lei divina, originariamente e só secundariamente da lei humana decorrente daquela para ser também normal. Daquele primeiro surto da epidemia modernista, provém tudo o mais que a inteligência posta dentro das linhas lógicas reconhece como anormal e é tudo que a história registra como erro, mentira, falsidade, fraude, perversidade, maldição.

Veio Jesus e deixou-nos um código supremo de ética, no esquema insuperável da normalidade, que são as bemaventuranças, cuja alternativa, cuja sombra são as maldições. Se benditos são os puros, malditos têm de ser os impuros. Se benditos são os pobres de espírito, maldi-

tos devem ser os ricos de espírito e coração, os que tudo submetem às riquezas deste mundo. Assim os pacientes, os mansos de coração e seus opostos os perversos e os odientos.

O modernismo é o fruto amargo do orgulho e da desobediência, ensombrando os dias do homem até o fim dos tempos, fazendo que Santo Agostinho exclamasse: inquietum est cor nostrum donec requiescat in Te. Corações inquietos dos modernistas, que vivem comendo do fruto da árvore maldita do orgulho e da desobediência, na revolta contra a autoridade divina e da autoridade intelectual da lógica, fugindo a reconhecer a necessidade dos princípios absolutos que, únicos, iluminam a marcha progressiva da verdadeira cultura e da verdadeira civilização Inclusive da verdadeira religião.

Dom Oscar de Oliveira. — Passou dia 22 deste o décimo quinto aniversário da sagração episcopal de Dom Oscar de Oliveira, arcebispo de Mariana. Tivemos a grata satisfação de assistir à santa missa de ação de graças, concelebrada por alguns sacerdotes do Cabido Metropolitano, com assistência de Sua Excelência Reverendíssima e pudemos apresentar a S. Excia. os nossos cumprimentos pelo acontecimento, ao lado de outras pessoas, que assistiram às cerimônias. Também compareceram os seminaristas menores e os maiores.

Ação de graças. — Os conservadores estamos satisfeitos com as últimas notícias religiosas vindas da Santa Sé, com a reprovção de certas iniciativas, que vinham sendo postas em prática, inclusive aqui no nosso Rio, com grave escândalo para o povo de Deus. Nós, os leigos, estávamos sofrendo com aquelas práticas evidentemente irregulares, como o ensino de novidades revolucionárias ou mesmo algumas de odor acremente luterano, como o horror ao hábito religioso, inclusive a gloriosa soutana ou batina, cuja presença desapareceu quase completamente do público, escondendo assim a lembrança da própria religião. Quantas pessoas lembravam-se do confessorário, pelo simples encontro de um sacerdote de batina na rua.

Há notícias alarmantes de modificações no altar com a supressão da pedra d'ara e a substituição das partículas brancas e puras por pedaços de pão, manuseado por muita gente, talvez não bastante limpa de corpo e alma, para negá-las e distribuí-las aos fiéis. Se no princípio foi assim, não pode ser mais, porque o número de comungantes é enorme e a pureza do ato merece todas as conveniências decorrentes do aperfeiçoamento litúrgico. Voltar a práticas incipientes não parece razoável. Muito menos é digno de aprovação o rebaixamento das práticas religiosas a um nível de vulgarização, incompatível com o grau de civilização a que já se atingiu. O templo e as práticas litúrgicas devem ser o ambiente mais nobre e mais sugestivo da grandeza divina, acessível a todos, como sempre aconteceu. Ao menos ali os pobres de Deus tinham uma sensação de grandeza, que também a eles toca, como filhos do mesmo Pai, que os chama para a glória celeste. Rezemos muito e insistentemente pelos nossos irmãos modernistas.

de acenar com o "algu novo" ao povo de sua pátria e aos noyes de outras nações.

Lá está, agora, o herói em Santa Helena, a inóspita ilha perdida no Atlântico Sul. Era preciso, era necessário, para que a França, através de todas as vicissitudes, através de Luís Napoleão, e os prínceres da República (Thiers, Gambetta, Carnot, e os que os seguiram, até os dias de hoje), conservasse o sentido de seu destino, que é o de iluminar o mundo com seu espírito, ao mesmo tempo, conservador das idéias substanciais e renovador segundo as circunstâncias do progresso.

Não é sem motivo que, no Panteon dos Inválidos, o túmulo de Napoleão seja reverenciado pelos seus compatriotas, através de todas as transformações políticas. Ali está a fonte de água viva, o centro vital de uma pátria, a mística do patriotismo e da universidade que se irradia dos heróis sacrificados e martirizados por amor de supremos ideais.

Saudando a nova África cristã

L. G. LYRA

Já por duas vezes, em audiência geral na Basílica de São Pedro, comentou S. S. Paulo VI a última jornada que realizou ao Continente africano. O segundo discurso foi a 6 de agosto. Disse Sua Santidade que não pretende fazer crônicas de sua viagem, nem descrições dos lugares visitados, dos belíssimos atos religiosos a que assistiu. A imprensa mundial, sobretudo as revistas ilustradas, publicaram, com minúcias, muitas reportagens, inclusive o heroísmo dos mártires cristãos, que teve a honra de canonizar agora, a grande felicidade de venerar em piedosa peregrinação.

Referiu-se as grandes reformas urbanísticas por que passou a moderna cidade Kampala, que foi o teatro do drama atrô e glorioso de uma pleiade de leigos católicos que, em supremo sacrifício, ofereceram a vida pela fé. Acha o Papa que é seu dever exaltar a obra missionária que observou, com máxima atenção, naquele quadro característico e típico, naquele desenvolvimento original e vigoroso, impressionante e eloquente. Viu a força da fé, que lança raízes profundas nos corações, e no homem da novo valor e firmeza de atitudes. Cita o Concílio Ecumênico, que traçou e definiu, com clareza, no decreto Ad Gentes, os princípios e normas a respeito das missões católicas, aqui foi vigorosamente aplicados. Quer expôs as três idéias que lhe iluminaram o espírito nesta consoladora peregrinação à África.

A primeira refere-se às atividades das missões que nascem de uma necessidade. Necessidade de ordem prática e histórica.

Pergunta: — como se difundiria o evangelho senão existissem os missionários? Por que o evangelho, verdade revelada e salvadora, não se propaga por si mesmo? Enquanto os descobimentos científicos, os fatos políticos, as novidades em torno das artes, das modas — se difundem com imediata facilidade pelas escolas, imprensa e hoje pelos maravilhosos meios do rádio e televisão, a fé em Cristo e a salvação, que nos oferece, não têm a virtude espontânea de atingir os corações. Por que é difícil a propaganda da fé? Por que exige novo estilo de vida? — pergunta o papa. E responde — a fé deve ser anunciada de viva voz, de pessoa a pessoa. É necessário e missionário, e que a mensagem divina chegue a seu destino. Já foi dito — Deus tem necessidade do homem — palavra verdadeira, pois para que o mistério do amor e da salvação, por parte de Deus, se propague no mundo, exigem-se o zelo e sacrifício do homem, que aceita o encargo e se faz o instrumento providencial da transmissão da verdade nos outros homens. Este homem indispensável é o missionário. Exclamou São Paulo — uma obrigação me incumbe e, ai de mim, se não anunciar o Evangelho.

A terceira idéia, objeto de minhas observações, ao contato sionante experiência africana — disse o Papa — foi o milagre do cristianismo propagado e com ele a Igreja. É universal o cristianismo. É para todos. Não se limita geograficamente, atenciosamente, nem culturalmente. É único, rigorosamente único.

A terceira idéia, objeto de minhas observações, ao contato com a jovem igreja africana é o seu profundo sentido humanístico. Não se preocupa a Igreja com o comércio, com a política, com as explorações geográficas e científicas. Só tem um único objetivo — as almas. Volta-se para a vida do homem, para sua existência física, para sua dignidade pessoal, para

(Cont. da pag. 5)